DIÁLOGO, AUTONOMIA E CRITICIDADE: OS FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA FREIREANA

DIALOGUE, AUTONOMY, AND CRITICAL CONSCIOUSNESS: THE FOUNDATIONS OF FREIREAN PEDAGOGY

Artigo recebido em: 10/10/2024
Artigo aceito em: 23/12/2024

DOI:
https://doi.org/10.63835/mv1a1v26

Emanuelle de Castro Moreira

Bacharela em Direito
Mestranda do Programa de Pós-graduação Educação Profissional e Tecnológico do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, campus Salgueiro.
Email: profaemanuelle2@gmail.com

Erbs Cintra de Souza Gomes

Doutor em Agronomia,
Professor do IFSertãoPE, Campus Petrolina, Zona Rural.
Email: erbs.cintra@ifsertao-pe.edu.br

Resumo

O método de ensino denominado Educação Popular ficou conhecido mundialmente por meio da sabedoria do pedagogo brasileiro Paulo Freire, que em seus ensinamentos preconiza que o seu método deve se propor a uma educação libertadora a qual se precede uma consciência de classe. Em Freire, para se conceber uma educação emancipadora, é imprescindível passar por categorias como, opressão, ideologia, emancipação dos sujeitos, consciência de mundo, autonomia, cidadania, liberdade e etc. É sabido que a escola, de forma sutil, reproduz e executa os processos de dominação, dominação de uma classe pela outra, e tais processos confirmam a manutenção da realidade posta, não apresentando vias de solução ou transformação de problemas sociais que estão dados. É inconteste que o sistema educacional não possibilita a leitura do mundo, tão propalada por Paulo Freire. Em Freire a "leitura de mundo" é uma metáfora que apela ao educando à consciência do seu lugar no mundo: de onde veio, onde está, para onde vai, qual a dinâmica social que o cerca, qual o sistema de produção na qual sua sociedade está inserida no seu tempo histórico. Partindo de alguns elementos da teoria educacional do pedagogo pernambucano, objetiva-se, portanto, analisar com mais detalhes a que se propõe o método político-educacional da educação popular, tratando-se de uma pesquisa exploratória que parte de um estudo bibliográfico, de caráter qualitativo, com base no estudo do método freireano da Educação Popular.

Palavras-chave: Método, Educação emancipadora; Teorias da aprendizagem.

Abstract

The teaching method called Popular Education became known worldwide through the wisdom of the Brazilian pedagogue Paulo Freire, who in his teachings advocates that his method should propose a liberating education which precedes class consciousness. In Freire, to conceive an emancipatory education, it is essential to go through categories such as oppression, ideology, emancipation of subjects, awareness of the world, autonomy, citizenship, freedom, etc. It is known that the school, in a subtle way, reproduces and executes the processes of domination, domination of one class by another, and such processes confirm the maintenance of the established reality, not presenting ways of solving or transforming existing social problems. It is undeniable that the educational system does not enable the reading of the world, so propagated by Paulo Freire. In Freire, "reading the world" is a metaphor that appeals to the student to be aware of their place in the world: where they came from, where they are, where they are going, what social dynamics surround them, what is the production system in which their Society is inserted in its historical time. Starting from some elements of the educational theory of the Pernambuco pedagogue, the objective is, therefore, to analyze in more detail what the political-educational method of popular education is proposed, being an exploratory research that starts from a bibliographical study, of a qualitative, based on the study of the Freirean method of Popular Education.
Keywords: *Method, Emancipating Education; Learning theories*

INTRODUÇÃO

O método de ensino denominado Educação Popular ficou conhecido mundialmente por meio da sabedoria do pedagogo brasileiro Paulo Freire, que em seus ensinamentos preconiza que o seu método deve se propor a uma educação libertadora e para isto se precede uma consciência de classe.

A Educação Popular confere à educação tradicional um papel político e um conteúdo social, é um modo de conhecimento de mundo peculiar às classes populares. Um método não institucionalizado, que prescinde de um programa preestabelecido de conteúdo, mas não de um conhecimento organizado que ao mesmo tempo que é fruto, também é destinado aos grupos populares.

Em Freire, para se conceber uma educação emancipadora, é imprescindível passar por categorias como opressão, ideologia, emancipação dos sujeitos, consciência de mundo, autonomia, cidadania, liberdade e etc. Ocorre que a escola, de forma sutil, reproduz e executa processos de dominação, dominação de uma classe por outra, e tais processos confirmam a

CC BY

manutenção da realidade posta, não apresentando vias de solução ou transformação de problemas sociais que estão dados.

É inconteste que o sistema educacional não possibilita a "leitura do mundo", ato tão propalado por Paulo Freire. Em Freire a "leitura de mundo" é uma metáfora que apela ao educando à consciência do seu lugar no mundo: de onde veio, onde está, para onde vai, qual a dinâmica social que o cerca, qual o sistema de produção na qual a sociedade está inserida no seu tempo histórico.

Portanto, as construções curriculares escolares corroboram a ideologia hegemônica burguesa fatalista que acaba por naturalizar as problemáticas sociais ou justificá-las. Uma educação politizada de cunho emancipatório precisa se valer de uma pedagogia que percorra um caminho contrário e que defenda uma ideologia contra hegemônica, não burguesa e que valorize o universo do educando, bem como do seu conjunto de temas geradores que se encontram nas relações homem-mundo. Desta feita, são nos estudos do filósofo pedagogo Paulo Freire que reside a alusão a um ensino que protagoniza seus sujeitos e que se destina ao futuro destes.

Partindo-se de alguns elementos da teoria educacional do pedagogo pernambucano, objetiva-se, portanto, analisar com mais detalhes a que se propõe o método político-educacional da educação popular.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que parte de um estudo bibliográfico, de caráter qualitativo, com base no estudo do método freireano da Educação Popular. A relevância social, portanto, de um estudo nestes contornos reside na importância de se revisitar ideias que se preocupam com um ensino formador de sujeitos conscientes e críticos e consequentemente da construção de uma educação libertadora de todos os grilhões que impedem o educando de ser mais.

BREVE PANORAMA DAS TEORIAS DE APRENDIZAGEM

Entender como o ser humano adquire, aplica, processa e retém habilidades é o objeto central das Teorias da Aprendizagem, que se desenvolvem a partir do século XIX e início do século XX. Na formação docente tais teorias desempenham papel importante para as discussões e ações pedagógicas voltadas ao processo de ensino-aprendizagem.

CC BY

Uma teoria de aprendizagem é, então, uma construção humana para interpretar sistematicamente uma área de conhecimento que chamamos de aprendizagem (Moreira, p.12, 1942). Diferentes pensadores contribuíram ao desenvolvimento das teorias acerca da aprendizagem humana, influenciando o pensar e agir pedagógico até os dias de hoje, a exemplo das Filosofias de Aprendizagem: comportamentalista (behaviorismo); humanista e cognitivista (construtivismo).

A abordagem Behaviorista, que tem como seus principais pensadores, John B. Watson**,** Ivan Pavlov e B.F. Skinner, se baseia na ideia de que os comportamentos humanos são resultados da interação entre o indivíduo e o meio, ademais, a aprendizagem, fruto desta interação, apontará para determinados comportamentos. Tais comportamentos recebem um reforço/estímulo positivo ou negativo, para a repetição e extinção, respectivamente.

Desta feita, a abordagem comportamentalista analisa o processo de aprendizagem, desconsiderando os aspectos internos que ocorrem na mente do agente social, centrando-se no comportamento observável (Santos, p. 02, ano).

É relevante consignar que o Behaviorismo é formulado por psicólogos, em um momento histórico em que a Psicologia se empenhava em ser reconhecida como ciência. E toda ciência, por sua vez, necessita de método e objeto. A abordagem behaviorista entrega o "estímulo" e as "respostas" como o objeto da Psicologia, ao contrário do estudo dos processos mentais internos. A partir da definição dessa base conceitual o ser humano passou a ser estudado como produto das associações estabelecidas durante sua vida entre os estímulos do meio e as respostas que são manifestadas pelo comportamento (Santos, p. 02, ano).

Ao contrário do Behaviorismo, que elege os comportamentos observáveis como objeto de análise, o Cognitivismo analisa a mente e os aspectos que a constituem como percepção, memória, atenção, tomada de decisões e resolução de problemas. Em Moreira (1999), as teorias cognitivistas da aprendizagem mais conhecidas são as de Piaget, Bruner e Ausubel. Pela proposta deste artigo vamos nos ater, sem pretensão de aprofundamento, apenas, à teoria piagetiana.

Jean Piaget se destaca como nome mais influente da corrente teórica construtivista, isto se deve, em larga medida, aos conceitos de *assimilação, acomodação e equilibração.*

CC BY

> Segundo Piaget, o crescimento cognitivo da criança se dá por assimilação e acomodação. A assimilação designa o fato de que a iniciativa na interação do sujeito com o objeto é do organismo. O indivíduo constrói esquemas de assimilação mentais para abordar a realidade. Todo esquema de assimilação é construído e toda abordagem à realidade supõe um esquema de assimilação. Quando o organismo (a mente) assimila, ele incorpora a realidade a seus esquemas de ação, impondo-se ao meio (Moreira, p.100, 1999).

Partindo da explicação acima, percebe-se que o teórico observava momentos distintos de fixação do conhecimento, isto se devendo, também, aos distintos momentos de desenvolvimento cognitivo do ser humano. Para ficar mais inteligível, um exemplo: a primeira estrutura mental que uma criança cria acerca de um cachorro, pode ser o esquema de um animal de quatro patas, peludo. Essa estrutura "cachorro" pode ser expandida, ou seja, integradas novas informações à estrutura inicial, à medida que a criança conhece outros tipos de cachorros. Isso se deve ao momento de desenvolvimento cognitivo da assimilação.

No momento da *acomodação* "os esquemas de ação da criança (ou mesmo de um adulto) não conseguem assimilar determinada situação. Neste caso, o organismo (mente) desiste ou se modifica" (Moreira, p.100, 1999). Para entender a acomodação, outro exemplo: um gato, animal de quatro patas e peludo, não vai ser assimilado ao esquema do cachorro, embora o esquema inicial do cachorro seja quadrúpede peludo. Neste caso nasce uma nova estrutura que deve ser acomodada em um outro esquema mental diferente do esquema cachorro, há, portanto, a necessidade de uma acomodação dessa nova estrutura. A acomodação é, desta feita, a reestruturação da assimilação.

Já como *equilibração*, entende-se o desencontro das novas assimilações com as que já existem, resultando em um equilíbrio cognitivo. Em suma, a *equilibração*, como o próprio termo sugere, é o equilíbrio entre assimilação e acomodação, o qual induz o ser humano ao alcance de estágios mais complexos de pensamento.

Portanto, pelo que se ventilou, brevemente, acerca do esforço de conceituação teórico do psicólogo russo, Jean Piaget, constata-se que a Teoria da Aprendizagem Cognitivista/ Construtivista prestigia a análise do desenvolvimento da mente humana para fins de entendimento acerca da expansão do conhecimento.

O Humanismo, por final, concebe o processo de aprendizagem a partir de uma perspectiva holística do aprendiz, considerando tudo que circunda e constitui o sujeito, a saber,

CC BY

aspectos de ordem pessoal, social, emocional, entre outros. Para a filosofia humanista " a aprendizagem não se limita a um aumento de conhecimentos. Ela é penetrante, visceral, e influi nas escolhas e atitudes do indivíduo" (Moreira, p.16, 1999).

Para fins de se alcançar o objetivo principal desta exposição, bem como para a concatenação de ideias com a próxima seção, mencionamos Paulo Freire (1921-1977) como exemplo de filósofo-pedagogo brasileiro, alinhado com o pensamento da filosofia humanista. A abordagem freireana acerca do processo de ensino-aprendizagem vai além de um método de assimilação de conhecimento, tocando em tudo que orbita, e é fundamental, para o agir pedagógico. Parte-se agora a uma breve síntese a respeito das concepções pedagógicas de Freire.

TEORIA DA APRENDIZAGEM DE PAULO FREIRE

Pretende-se, a partir deste momento, expor e analisar as categorias teóricas presentes nas concepções educacionais e pedagógicas de Paulo Freire. Propõe-se a análise do seu pensamento por meio de duas grandes obras do autor, quais sejam, a *Pedagogia do Oprimido* (1988) e *Pedagogia da Autonomia* (2007).

De antemão, vale ressaltar que a teoria de Freire se diferencia das anteriores supramencionadas, uma vez que não se reduz ao estudo do armazenamento, reprodução ou expansão cognitiva. Para além disso. Desenvolve uma análise de categorias que não se relacionam diretamente com a aprendizagem, mas são imprescindíveis para tanto. A investigação freireana tece acertada crítica, através de uma filosofia educacional, acerca do papel das instituições de ensino na reprodução da ordem estabelecida.

Para um leitor mais alheio a expressão "reprodução da ordem estabelecida", entende-se que esta denota a garantia de todo o sistema econômico, político, cultural e social que existe em determinada sociedade. Entende-se pela manutenção das relações de poder existentes, que no caso desta sociedade capitalista em que vivemos, seria a reprodução de um sistema calcado em desigualdades sociais e divisão de classes.

E é nesta crítica filosófica onde reside o núcleo duro da teoria freireana. Aqui, curiosamente, o pedagogo pernambucano se aproxima das ideias do teórico francês Pierre

CC BY

Bourdieu, na sua obra *A Reprodução* (1970). Bourdieu percebe que o sistema educacional francês supervaloriza os conhecimentos e habilidade das classes mais abastadas e subestima os saberes das classes populares, saberes estes que Freire irá prestigiar em suas análises e intitulará de Educação Popular.

CONTRIBUIÇÕES EM PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Em 1968, Paulo Freire publica a sua célebre obra, *Pedagogia do Oprimido.* O ano de publicação nos remete ao período de Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), anos de repressão política, censura, perseguição, mortes, confrontos armados e lutas sociais. Na América Latina, o cenário de ditaduras e conflitos também era crescente e em simultânea cadência estava a eclosão e articulação de movimentos sociais de resistência às ditaduras.

Nas primeiras palavras de sua obra, Freire registra que o livro foi resultado das observações feitas durante os cinco anos de seu exílio. Portanto, uma informação importante nos é dada, Paulo Freire foi exilado durante a ditadura militar. Sim! Freire foi preso e solto, sendo obrigado a se retirar do País, se exilando no Chile. A perseguição ao intelectual se devia à sua pedagogia de viés progressista, emancipadora, voltada ao desabrochar de uma consciência político-crítica, ideias voltadas à justiça social através da educação, e educação de caráter popular. Foi, portanto, uma ameaça aos militares e um prato cheio para a censura e o exílio.

Ainda exilado, Freire permanece pensando e teorizando acerca de metodologias educacionais. *Pedagogia do Oprimido* nasce em meio a essa turbulência política pela qual passava o Brasil e a América Latina. Desta feita, já dá para esperar uma obra subversiva, revolucionária, visceral. Sem pretensão de esgotamento da análise, bem como dotados da consciência desta limitação, vamos à algumas, das tantas, reflexões suscitadas pela obra.

O título da obra já sinaliza um conteúdo politizado que está por vir, uma vez que a tensão social entre a figura de um sujeito opressor e oprimido é a base de sua análise pedagógica. A oposição opressor-oprimido põe relevo às relações de opressão que permeiam a sociedade capitalista e sustentam suas demais contradições, estando também entranhada e refletida no processo educativo tradicional.

CC BY

Para Aguiar (2021), a obra estudada anuncia uma pedagogia do oprimido, não uma pedagogia para o oprimido e/ou sobre o oprimido, mas sim com o oprimido, esclarece que os sujeitos oprimidos são sujeitos dessa pedagogia, seu ponto de partida e sua finalidade. Direto de sua obra, o autor pernambucano nos questiona, " quem melhor do que os oprimidos para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? " (Freire, 1986, p.32).

Atente-se ao fato de que nesta obra, o objeto pedagógico reflexivo é a opressão e suas causas que resultará na luta pela libertação dos oprimidos. No entanto, o processo educativo brasileiro é percebido como processo de opressão oposto a proposta freireana de educação como prática de liberdade, em vista de uma escola democrática.

A existência humana, a exaltação da vida, é o centro da preocupação da pedagogia de Paulo Freire, haja vista que a humanização é reivindicada em sua obra como uma vocação humana, realidade histórica e viabilidade ontológica. O trabalho livre, a desalienação e a luta dos oprimidos seriam exemplos da humanização ou recuperação da humanidade roubada pelos opressores. O seu contrário, a desumanização, seria o resultado de uma ordem injusta (Freire, 1986).

Diante de uma ordem social injusta, muitas vezes a generosidade do opressor pode confundir os caminhos para reverter esta ordem, porém este não é um caminho, segundo Freire, de liberdade, mas de manutenção do que está posto. A pedagogia da libertação será elaborada pelos próprios oprimidos, na medida que reconhecem a necessidade de lutar por ela. Acrescenta Aguiar,

> A educação, como prática da liberdade, problematizadora, tem a intencionalidade do desenvolvimento da consciência crítica de si mesmo e/ou do mundo. A conscientização produz a desmitologização da liberdade e da igualdade, a desmistificação da realidade opressora e de suas ações antidialógicas. A conscientização não pode existir fora da práxis humana, da açãoreflexão crítica sobre o mundo e a realidade. A conscientização é uma operação humana que parte do confronto com a realidade, para objetivá-la e, ao objetivá-la, há uma percepção dos condicionantes dessa realidade (Aguiar, 2021, p.9).

Veja que a educação como prática de liberdade depende da consciência do sujeito de si e do mundo, objetividade e subjetividade, da percepção do processo histórico que o aquele está inserido, dada as condições e contradições desta realidade. Em outras palavras, a superação do opressor-oprimido passa pela consciência da opressão, tanto pelo reconhecimento da situação de opressão como pelo existir enquanto oprimido.

CC BY

Para se ter uma educação libertadora, o diálogo entre educador-educando é pedra angular para a construção do conhecimento. “Nesse processo, o educador se faz e refaz, mediante a problematização com os educandos. O educador se educa com o conteúdo que o educando traz. O educador precisa “apreender” o mundo do educando, para intervir na realidade” (Aguiar, 2021, p. 10).

Portanto, a relevância da dialogicidade no processo educativo aparece em *Pedagogia do Oprimido* (1986), assim como vai se repetir, posteriormente, em *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Ainda nesta obra, Freire (1986) critica o que chama de Educação Bancária, que seria a técnica acrítica de aprendizagem da educação tradicional. O termo “bancária” faz analogia ao depósito bancário em que há a recepção do dinheiro por um objeto, uma coisa não pensante. Na educação, o dinheiro seria o conhecimento, as informações, as prescrições curriculares, enquanto a máquina receptora estaria representada pelos alunos, pais, até mesmo os educadores.

A Educação Bancária, portanto, caminha na contramão de uma pedagogia do oprimido e deve ser combatida para a implementação de concepções pedagógicas libertadoras. Perceba que diante de uma técnica de ensino descomprometida com o despertar de uma consciência crítica, criativa, protagonista, a tendência é tornar alheia a experiência existencial dos educandos. Portanto, o depósito do conteúdo nos educandos, desconectado da realidade destes é mais uma das inquietações de Freire,

> Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos do conteúdo de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectado da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação (Freire, 1986, p.65).

Constata-se que a educação tradicional é afinada a uma ideologia liberal e/ou neoliberal que não se compromete com o conhecimento para a vida ou cultura do educando, muito menos com a liberdade deste em expressar sua própria cultura ou dizer sua própria palavra. Em Aguiar (2021, p.7) “não importa se o educando, em seu processo de escolaridade, construiu conhecimentos (...), mas, sim, se aprendeu a ser “um ser do ajustamento” e a escola cumpriu o seu papel de domesticadora e manipuladora de conhecimentos e valores”.

CC BY

A superação da prática bancária, em Freire (1986), passa pela educação libertadora que parte do caráter histórico do homem. Explica-se: reconhecer o caráter histórico do homem, implica percebê-lo em movimento, como um ser que está sendo e existindo, com a consciência que é inacabado e atravessado por condições e contradições de um determinado momento histórico. A educação problematizadora, portanto, não foca no imutável, no que está dado por instituições educacionais, mas enfatiza a mudança, no movimento do ser enquanto este está sendo.

CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS EM PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Em suas ideias acerca da educação, o pedagogo pernambucano está constantemente gravitando em torno da emancipação dos educandos e da educação como processo crítico e reflexivo. Não diferente é em *Pedagogia da Autonomia* (1996). Nesta obra o autor reflete sobre a prática educativa fundamentada na construção da autonomia do ser educando. Perceba que a liberdade é uma categoria constante no pensamento de Freire.

O livro é estruturado em três capítulos: “Prática docência: primeira reflexão”, “Ensinar não é transferir conhecimento” e “Ensinar é uma especificidade humana”. Cada capítulo se ramifica em nove subcapítulos.

A teoria pedagógica freireana é ampla e rica, porém não é complexa. No filosofar de Paulo Freire encontramos ideias como: a necessidade de valorizar o conhecimento prévio do aluno; condenação dos interesses capitalistas na educação; o conhecimento prévio do aluno deve dialogar com as disciplinas estudadas por este; condenação da educação bancária; ensinar é um processo obtido socialmente; é necessário valorizar a experiência de vida como essencial para o efetivo aprendizado; negação ao espontaneísmo e ao fatalismo; a educação é uma experiência especificamente humana e é uma forma de intervenção no mundo dentre outras reflexões espalhadas por suas produções.

Em Pedagogia da Autonomia, o autor joga luz na liberdade do aluno como fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Percebe-se que Paulo Freire, em toda sua teoria, não reflete apenas acerca do mecânico processo de ensino-aprendizagem voltado à assimilação de conteúdos ou acúmulo de destrezas, como já foi descrito no parágrafo anterior, o arsenal teórico freireano determina a educação como intervenção do sujeito no mundo.

CC BY

Vejamos algumas ideias presentes na obra em discussão.

Ensinar exige rigorosidade metódica

Neste comando o filósofo aponta para a necessidade do rigor metodológico no tratamento do conhecimento, de modo a não haver uma aproximação superficial e desprovido de crítica do objeto estudado. Ensinar abrange possibilitar condições para se aprender criticamente. Ensinar a pensar certo. E uma das condições para pensar certo seria não estarmos certos de nossas certezas.

Ensinar exige pesquisa

Neste momento da obra, Freire (1996) estabelece uma relação mútua entre Pesquisa e Ensino. Um imprescinde ao outro. Não é possível haver pesquisa sem ensino e nem ensino sem pesquisa. Entende que a curiosidade epistemológica é resultado natural do processo de conhecimento, "é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade" (Freire, p.16, 1996). Para o autor, só se ensina o que foi buscado, investigado, esgotado através da pesquisa.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos

O processo de ensino-aprendizagem deve valorizar o conhecimento prévio e a experiência de vida do educando, de modo a validar essas experiências como primordial para o efetivo aprendizado. Para além disso, os saberes acumulados advindos da sua posição de mundo devem, também, serem validados no processo educacional. A marginalização do processo de socialização da educação popular é um vetor apontado para os interesses capitalistas em disputa no âmbito da educação.

Ora, sabiamente o autor deduz que se deve estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que os educandos têm como indivíduos (Freire, 1996).

"Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes? " (Freire, p.16, 1996).

CC BY

Ensinar exige estética e ética

Neste ponto de sua obra, Freire (1996) relaciona a prática educativa com uma posição de mundo, do educador, que seja decente e pura, de modo que o exercício educativo também deva contemplar o caráter formador da ética e a "boniteza" da estética. O pensador faz uso do vocábulo "boniteza" nesse trecho de seu livro, o que nos leva a assimilar a beleza à pureza, como ele mesmo faz menção.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo (Freire, p.19, 1996). Conclui, portanto, que os conteúdos estudados pelos alunos não podem se afastar de uma formação moral.

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

Para Freire (1996), a segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. O professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que a opção e a prática democrática do professor ou da professora não são necessariamente determinadas por sua competência científica.

A generosidade também se coloca como qualidade indispensável à autoridade em suas relações com as liberdades. Não há nada que inferiorize mais a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte.

O clima de respeito que nasce em relações justas, sérias, humildes generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Outra exigência é da compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo. É preciso entender que a intervenção para Freire vai além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, uma vez que implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória,

CC BY

não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. Esta consciência faz a prática docente se inclinar para um ou outro dos lados ideológicos.

Um trecho que se destaca na obra, no tocante ao ensino e à liberdade é esta que consta a ideia de que é decidindo que se aprende a decidir. Não posso aprender a ser eu mesmo se não decido nunca, porque há sempre a sabedoria e a sensatez de meu pai e minha mãe a decidir por mim. A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do estado.

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, às vezes maior do que pensamos, da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair. É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna "míopes".

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

Ensinar exige querer bem aos educandos

É preciso estar aberto ao gosto de querer bem, à coragem de querer bem aos educadores e à própria prática educativa de que participo. É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

CC BY

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa partiu da premissa de que as construções curriculares corroboram a ideologia hegemônica burguesa fatalista que acaba por naturalizar as problemáticas sociais ou justificá-las.

Uma educação politizada de cunho emancipatório precisa se valer de uma pedagogia que percorra um caminho contrário que defenda uma ideologia contra hegemônica, não burguesa e que valorize o universo do educando, bem como do seu conjunto de temas geradores que se encontram nas relações homem-mundo. Desta feita, são nos estudos do filósofo pedagogo Paulo Freire que reside a alusão a um ensino que protagoniza seus sujeitos e que se destina ao futuro destes.

Para este estudo houve uma breve análise das concepções pedagógicas de Paulo Freire, valendo-se de duas importantes obras do autor: *Pedagogia do Oprimido* (1986), *Pedagogia da Autonomia* (2007). Utilizou-se, portanto, do método descritivo de análise, partindo, sobretudo, da pesquisa bibliográfica.

Ao longo do trabalho constatou-se que a existência humana, bem como a exaltação da vida, é o centro da preocupação da pedagogia de Paulo Freire, e a educação, portanto, em seu pensamento, deve estar comprometida com esta existência, buscando ser emancipadora e não conformadora das relações de opressão que desumanizam o homem.

Além disso, o estudo ressaltou a amplitude do pensamento freireano, haja vista que no filosofar de Paulo Freire encontramos ideias como: a necessidade de valorizar o conhecimento prévio do aluno; condenação dos interesses capitalistas na educação; o conhecimento prévio do aluno deve dialogar com as disciplinas estudadas por este; condenação da educação bancária; ensinar é um processo obtido socialmente; é necessário valorizar a experiência de vida como essencial para o efetivo aprendizado; negação ao espontaneísmo e ao fatalismo; a educação é uma experiência especificamente humana e é uma forma de intervenção no mundo dentre outras reflexões espalhadas por suas produções.

Em *Pedagogia do Oprimido* (1986) encontramos um conteúdo mais politizado uma vez que a tensão social entre a figura de um sujeito opressor e oprimido é a base de sua análise pedagógica. A oposição opressor-oprimido põe relevo às relações de opressão que permeiam a

CC BY

sociedade capitalista e sustentam suas demais contradições, estando também entranhada e refletida no processo educativo tradicional.

Em *Pedagogia da Autonomia* (1996) o autor joga luz na liberdade do aluno como fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Percebe-se que Paulo Freire, em toda sua teoria, não reflete apenas acerca do mecânico processo de ensino-aprendizagem voltado à assimilação de conteúdos ou acúmulo de destrezas, como já foi descrito no parágrafo anterior, o arsenal teórico freireano determina a educação como intervenção do sujeito no mundo.

A relevância acadêmica, social e política, portanto, de um estudo nestes contornos reside na importância de se revisitar ideias que se preocupam com um ensino formador de sujeitos conscientes e críticos e consequentemente da construção de uma educação libertadora de todos os grilhões que impedem o educando de ser mais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Denise Regina da C. *A pedagogia do oprimido na escola contemporânea: desafios e perspectivas* Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 174-196, jan./mar. 2021 e-ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo – PUC/SPhttp://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, Marco Antonio, 1942 -. *Teorias* de *aprendizagem* / *Marco Antônio*. *Moreira*. São Paulo: EPU, 1999.